

O INFINITIVO COMPOSTO NAS ORAÇÕES COMPLETIVAS DE ADJETIVO EM PORTUGUÊS DO BRASIL

Ryan Martinez¹

ryan.saldanha.martinez@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (BRASIL)

RESUMO. Este artigo discute a semântica dos adjetivos que aceitam ou não uma oração no infinitivo composto como completiva em português do Brasil (exemplo: “A Maria está desconfiada de ter cometido um erro”). Caracterizamos o infinitivo composto como sendo constituído por um verbo auxiliar de tempo, *ter*, seguido de um particípio passado. Propomos três classes de adjetivos: (i) retrospectivos, para os quais o infinitivo simples é equivalente ao composto; (ii) bivalentes, para os quais o infinitivo simples tem valor de futuro e o composto tem valor de passado; (iii) prospectivos, que não aceitam infinitivo composto.

PALAVRAS-CHAVE. Infinitivo Composto, Adjetivos Predicativos, Tempo Gramatical, Subclasses Temporais dos Adjetivos.

ABSTRACT. This article discusses the semantics of Brazilian Portuguese adjectives which accept or do not accept perfect infinitive clauses as complements (example: *A Maria está desconfiada de ter cometido um erro* “Maria is suspicious of ‘to have’ (=having) made a mistake”). The perfect infinitive is characterized as composed of a temporal auxiliary verb *ter* ‘have’ followed by a past participle. We propose three classes of adjectives: (i) retrospective, in which the simple infinitive is equivalent to perfect infinitive; (ii) bivalent, in which the simple infinitive corresponds to the future, whereas the perfect infinitive corresponds to the past; (iii) prospective, which do not accept the perfect infinitive.

KEYWORDS. Perfect Infinitive, Predicative Adjectives, Tense, Temporal Adjective Subclasses.

1. Introdução

¹ Estudante do Programa de Pós-Graduação em Linguística.

O presente artigo tem por objeto as orações no infinitivo composto que se apresentam como complemento dos adjetivos predicativos em português do Brasil, conforme exemplificado em (1).

- (1) a. A Maria estava certa de ter trancado a porta.
- b. A Maria é suspeita de ter cometido alguns delitos.

O que aqui chamamos “infinitivo composto”, recorrendo à nomenclatura de gramáticas como a de Cunha & Cintra (2017: 418), consiste em um verbo auxiliar de tempo *ter* combinado com um particípio passado (Baptista, Mamede & Gomes 2010: 3; Duran, Pagano, Rassi & Pardo 2021: 13). Esse mesmo auxiliar ocorre em orações finitas, mas nos restringimos aqui a observá-lo nas orações infinitivas. Discutimos a definição do infinitivo composto em maiores detalhes na seção 2.

Na visão de Wurmbrand (2014: 403), as orações infinitivas podem ter diferentes valores temporais, que não se expressam morfologicamente e estão relacionados com semântica do verbo principal. O infinitivo composto, que tem valor de pretérito, é um exemplo claro de que infinitivos apresentam um tempo próprio. Isso se opõe a uma visão tradicional, segundo a qual infinitivos não possuem tempo. Compartilhando dessa ideia, Cunha & Silvano (2015: 103-111) propuseram uma relação entre a semântica dos verbos principais e o tempo dos infinitivos nas orações subordinadas do português europeu. Para verbos como *dizer* e *afirmar*, o tempo do verbo no infinitivo é sobreposto ao do verbo da oração matriz (para estes, a informação de temporalidade é defectiva), ao passo que, para *decidir* e *prometer*, o infinitivo se refere a um tempo posterior e, para *recordar-se*, um tempo anterior ao da oração matriz, por exemplo. Assim, a interpretação do tempo do infinitivo restringir-se-ia pela semântica do verbo principal, além de características aspectuais e modificadores do verbo subordinado.

Demonstrou-se também, para o português europeu, que o tempo implícito dos infinitivos pode estar associado a preposições: *para* introduz orações infinitivas interpretadas em tempo posterior ao da oração matriz, independentemente de introduzirem complementos de verbo ou orações finais (Silvano & Cunha 2020: passim).

Tais estudos, porém, tendem a focar os verbos como predicado matriz, e poucos são os estudos a observar as subordinadas de adjetivos. Casteleiro (1981: 177-180), discutindo as subordinadas finitas do português europeu, apresenta quadros com testes de aceitabilidade

para verificar quais tempos verbais do verbo copulativo se combinam com quais tempos do verbo principal da oração completiva. Para ilustração, apresentamos em forma de exemplo alguns dos testes que o autor insere em seus quadros:

- (2) a. O Júlio está / tem estado / estará / terá estado receoso de que as bagagens cheguem / tenham chegado / *chegassem / tivessem chegado.
 b. O Júlio esteve / estava / tinha estado / estaria / teria estado receoso de que as bagagens cheguem / tenham chegado / chegassem / tivessem chegado.

(Exemplos adaptados das tabelas de Casteleiro 1981: 179)

Os exemplos em (2) sugerem que a completiva no pretérito imperfeito do subjuntivo só é aceitável com o verbo copulativo nas diversas variações do pretérito, além do futuro do pretérito, mas não nos demais tempos verbais. De resto, a relação entre as orações matriz e subordinadas é uniforme. Em outras palavras, para as orações completivas finitas de adjetivo, não haveria restrições impostas pela semântica do adjetivo. Porém, muitos adjetivos, tais como *suspeito* e *pronto*, não aceitam completiva finita em construções de correferência obrigatória, de modo que os testes acima não dão conta desses exemplos:

- (3) a. * O João é suspeito de que cometeu / tenha cometido um crime.
 b. * O João está pronto para que faça / fará isso.

Constatamos que, nesses adjetivos, a aceitabilidade do infinitivo composto varia, configurando-se como uma propriedade do predicado principal a ser explorada em maiores detalhes neste artigo:

- (4) a. O João é suspeito de cometer / ter cometido um crime.
 b. O João está pronto para fazer / *ter feito isso.

Além disso, o infinitivo composto, até onde sabemos, não foi objeto de estudos focados no português do Brasil até o momento, ainda que conte com trabalhos de referência em língua inglesa (Hoffman 1976: *passim*, Stowell 2007: *passim*).

Assim, lidando com dois tópicos até então pouco explorados, este breve artigo se pretende como um estudo preliminar sobre a relação entre a aceitabilidade de orações completivas com infinitivo composto e a semântica dos adjetivos em português do Brasil.

2. O infinitivo composto

As locuções verbais que analisamos aqui são comumente chamadas de “infinitivo composto”, como visto, por exemplo, em Cunha & Cintra (2017: 418). Nessa gramática, entende-se que o infinitivo composto pode ser impessoal, isto é, não flexionado em pessoa e número (por exemplo: *ter cantado*, *ter partido*, *ter vendido*) ou pessoal, flexionado em pessoa e número (*termos cantado*, *terem vendido*, *teres partido*); em trabalhos de linguística, adotam-se os termos “não flexionado” e “flexionado” (Raposo 1987: 86-88). Porém, o termo “infinitivo composto” pouco diz sobre a sintaxe e a semântica dessas locuções verbais.

Considerando-se o verbo auxiliar como um verbo que não seleciona seus próprios argumentos (Harris 1982: 289-290; Harris 1991: 73-74), o *ter* dessas construções é um verbo auxiliar de tempo (Baptista *et al.* 2010: 3; Duran *et al.* 2021: 13) que não se limita ao infinitivo composto.

A discussão de Hofmann (1976: 89-92) sugere que os chamados *perfect infinitives* do inglês podem equivaler a três tempos, que, no português do Brasil, correspondem ao pretérito perfeito (5a), ao pretérito perfeito composto do subjuntivo (5b) e ao pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo (5c).

- (5) a. O João está desconfiado de que cometeu um erro.
- b. O João está desconfiado de que tenha cometido um erro.
- c. O João estava desconfiado de que tivesse cometido um erro.

Todas as frases em (5) podem ser parafraseadas pela versão com o infinitivo composto, dada em (6):

- (6) O João está / estava desconfiado de ter cometido um erro.

Vê-se que *ter* cumpre a mesma função de auxiliar de tempo tanto em (5b,c) quanto (6). Isso reforça a nossa convicção de que o infinitivo composto não é um tempo independente. Trata-se, em vez disso, da ocorrência de um auxiliar de tempo em uma oração infinitiva. Esse auxiliar é também observado em orações gerundivas (7) e, possivelmente, em outros contextos.

- (7) Tendo feito isso, João voltou para casa.

Como variante do pretérito perfeito, o infinitivo composto tem um valor temporal de pretérito e um aspecto perfectivo². Por essa razão, são pouco aceitáveis com predicados matriz que denotam previsões, fato já observado nas construções com verbos plenos. Entre os adjetivos, *ansioso* (8) configura um exemplo de adjetivo com orientação para o futuro:

- (8) a. O João está ansioso para fazer isso.
 b. * O João está ansioso para ter feito isso.

Portanto, considerando o infinitivo composto como uma forma de pretérito, a aceitabilidade do infinitivo composto pode ser utilizada como um teste para uma dimensão semântica dos adjetivos com oração infinitiva, separando-os em três classes³: **adjetivos retrospectivos, adjetivos bivalentes e adjetivos prospectivos**.

3. Adjetivos retrospectivos

Os adjetivos que aceitam o infinitivo composto são aqueles que podem apresentar uma orientação passada em relação ao tempo do verbo copulativo, relacionando um dado sujeito a um acontecimento anterior:

- (9) A Maria é responsável por / culpada de ter feito isso.

Adjetivos como *responsável* e *culpado*, nas acepções que se registram nos exemplos, estabelecem seu sujeito como perpetrador da ação que se registra na oração completiva com infinitivo composto. Alterando-se o tempo do verbo copulativo, vemos que o infinitivo composto é aceitável também para pretérito e futuro, sendo o tempo da subordinada sempre anterior ao da matriz:

- (10) a. A Maria será responsável por / culpada de ter feito isso.
 b. A Maria foi responsável por / culpada de ter feito isso.

² Um revisor anônimo questionou se estaríamos diante de um aspecto terminativo ou conclusivo. O fato é que, ao menos em português do Brasil, não é comum utilizar o infinitivo composto para denotar atividades interrompidas sem conclusão: “O João está orgulhoso de ter lido um livro muito difícil” parece implicar que João leu o livro completo; “O João está orgulhoso de ter andado lendo um livro muito difícil” não parece, para este autor, uma frase de todo inaceitável, mas, talvez, um pouco incomum. Deixamos esse assunto para pesquisas subsequentes.

³ Há, é claro, muitas propostas de classificação de adjetivos, que utilizam diferentes critérios. Nossa classificação se limita à relação temporal entre oração matriz e subordinada.

Com o verbo copulativo no futuro, o infinitivo composto pode ser interpretado como presente, ou mesmo como uma situação hipotética:

(11) Se a Maria deixar o Pedro fazer isso, ela será culpada de ter sido negligente.

Alguns adjetivos têm valor ambíguo quanto a orientação passada ou futura. Esse valor se desambigua pela aceitabilidade do infinitivo composto. Vejamos um exemplo: tanto *responsável* quanto *culpado* aceitam o infinitivo simples:

(12) A Maria é responsável por / culpada de fazer isso.

Entretanto, apenas *culpado* tem necessariamente uma interpretação de passado tanto para o infinitivo simples quanto composto. *Responsável* pode ter uma acepção prospectiva, de modo que orações adversativas que contradizem a factualidade da oração subordinada são aceitáveis para esse adjetivo (13a), mas não para *culpado* (13b):

- (13) a. A Maria é responsável por regar as plantas, mas ela ainda não regou.
b. *A Maria é culpada de cometer um crime, mas ela ainda não cometeu.

Antes de discutir os adjetivos bivalentes, ressaltamos que os adjetivos retrospectivos parecem aceitar leitura estativa (14a). Nesse caso, a frase não equivale à com infinitivo composto (14b), que, no exemplo, se refere a um evento: “ter sido negligente” caracteriza uma situação específica em que João fez algo negligente, não um comportamento recorrente da parte de João.

- (14) a. O João é culpado de ser negligente.
b. O João é culpado de ter sido negligente.

Numa análise preliminar, identifica-se sobreposição temporal entre oração matriz e subordinada em casos como (14a). O fato é que, aqui, o infinitivo simples pode ter uma leitura habitual, que não existe para o infinitivo composto, o que sugere que os adjetivos tratados nesta seção podem não ser exclusivamente retrospectivos, mas se aplicar também a um presente habitual⁴. Deixamos essa questão a ser mais bem explorada em trabalhos futuros.

⁴ Agradecemos a um revisor anônimo por observar neste e em trechos subsequentes a possibilidade de uma leitura de presente para o infinitivo simples quando a oração subordinada é estativa/habitual.

4. Adjetivos bivalentes

Esta seção trata de adjetivos que apresentam tanto uso retrospectivo quanto prospectivo, a depender da utilização do infinitivo simples ou composto.

A dualidade de sentidos observada em *responsável* se registra com outros adjetivos, como *capaz* (15)⁵. Quando este recebe completiva no infinitivo simples, a interpretação mais saliente é a de modalidade dinâmica (também chamada modalidade interna ao participante) (15).

(15) A Maria é capaz de perdoar o Pedro.

Entretanto, uma outra interpretação, a de modal epistêmico, é também válida para a frase (15): “é possível que a Maria perdoe o Pedro”. Essa interpretação se torna mais saliente quando a subordinada traz algum predicado não volitivo (16):

(16) A Maria não veio hoje, ela é capaz de estar doente.

Com complemento no infinitivo composto, a interpretação de *capaz* está restrita à de modal epistêmico (17).

(17) A Maria é capaz de ter perdoado o Pedro.

Em outros casos de adjetivos que aceitam tanto completiva no infinitivo simples quanto composto, não se pode dizer propriamente que haja uma mudança de sentido, mas sim que o infinitivo simples está pareado com uma interpretação de presente / futuro, enquanto o infinitivo composto é necessário quando se pretende evocar uma situação passada. É o que se observa com os adjetivos de atitude proposicional:

(18) a. A Maria está certa / confiante / convicta / segura de conseguir um bom resultado na prova amanhã / *ontem.

b. A Maria está certa / confiante / convicta / segura de ter conseguido um bom resultado na prova *amanhã / ontem.

⁵ Em ambos os casos, consideramos aqui que se trata de itens lexicais distintos, homônimos, cada um com seu comportamento: um retrospectivo e outro bivalente.

Dessa forma, adjetivos como os que aparecem em (18) podem assumir tanto valor retrospectivo quanto prospectivo; também podem assumir valor de presente quando a oração subordinada é estativa, como já visto em (14). Neles, há maior paridade entre a forma (isto é, ausência ou presença do auxiliar *ter*) e a semântica (a interpretação da completiva como futura/presente ou passada), uma vez que o infinitivo simples corresponde diretamente ao futuro ou presente e o infinitivo composto, ao passado. Não se trata de uma característica exclusiva dos adjetivos de atitude proposicional, como vemos em (19):

- (19) a. Esse osso é suscetível / passível de quebrar. (futuro)
 b. Esse osso é suscetível / passível de ter quebrado. (passado)

5. Adjetivos prospectivos

Comumente, os adjetivos que não aceitam infinitivo composto são aqueles que regem as preposições *para* e/ou *a*, como demonstrado em (20).

- (20) a. *A Maria está aberta / ansiosa / apta / disponível / pronta para ter feito isso.
 b. *A Maria está aberta / apta / inclinada / prestes / propensa / sujeita / suscetível⁶ a ter feito isso.

Tais adjetivos se referem a expectativas, tendências, desejos e outras formas de se caracterizar situações vindouras, o que bloqueia a interpretação da completiva como tendo ocorrido antes da oração matriz. Essas observações vão ao encontro da proposta de Silvano & Cunha (2020: passim) para o português europeu, que associa *para* a infinitivos de orientação futura.

Apresentam comportamento similar os adjetivos que caracterizam a importância de algo ou alguém em um processo (21). Esses adjetivos carregam um componente semântico de planejamento.

- (21) a. A Maria é essencial / fundamental / importante / necessária / suficiente / útil para fazer isso.
 b. *A Maria é essencial / fundamental / importante / necessária / suficiente / útil para ter feito isso.

⁶ Contrastando esse uso de *suscetível* com o observado em (19), isto é, com as regências *de* e *a*, verifica-se a importância da preposição para estabelecer a temporalidade da completiva. Agradecemos a um revisor anônimo por essa observação, a ser mais bem explorada em trabalhos subsequentes.

Construções com adjetivos que avaliam a capacidade de uma pessoa ou entidade em determinada tarefa parecem não aceitar o infinitivo composto. Nessas construções, a oração completiva, obrigatoriamente no infinitivo simples, é geralmente introduzida por *em*:

- (22) a. A Maria é boa / ótima / medíocre / razoável / péssima / especialista em dar conselhos.
b. * A Maria é boa / ótima / medíocre / razoável / péssima / especialista em ter dado conselhos.

Essas frases (22a) têm uma leitura de sobreposição entre as orações no sentido de que se faz uma avaliação sobre a atual capacidade de Maria em dar conselhos. Porém, se pensarmos estritamente na relação entre oração matriz e subordinada, a segunda caracteriza um futuro hipotético: (22a) não afirma que a Maria está dando conselhos no momento de enunciação, mas sim que, caso ela o faça, os conselhos serão bons, ótimos, ruins, etc.

Podemos obter construções análogas aceitáveis com o verbo copulativo no pretérito perfeito:

- (23) A Maria foi boa / ótima / medíocre / razoável / péssima / *especialista em ter dado conselhos.

Porém, a semântica dessas frases não equivale à das primeiras. Não se avalia aqui a capacidade de o sujeito de dar conselhos, mas sim se sua atitude ao ter dado conselhos foi correta ou não. Consequentemente, *especialista* não é aceitável aqui, pois não pode ser utilizado para avaliar atitudes.

6. Considerações finais

Este breve artigo teve o propósito de discutir a relação entre as orações completivas com infinitivo composto e a semântica do adjetivo, enfocando primordialmente seu valor temporal. Definimos o infinitivo composto como uma locução verbal composta por um auxiliar de tempo *ter* seguido de um particípio passado, forma essa que ocorre também em orações finitas e gerundivas, sendo parafrástica ao pretérito perfeito. Isso nos ajudou a prever que as formas com o infinitivo composto estariam restritas aos adjetivos que não têm um traço semântico de futuro. Evidenciamos três tipos de adjetivo em português brasileiro: (i)

aqueles que aceitam o infinitivo composto como forma equivalente ao infinitivo simples, sendo ambas as formas interpretadas como pretérito, denominados adjetivos retrospectivos; (ii) aqueles em que a completiva com infinitivo simples não é parafrástica à com infinitivo composto, em que o primeiro é utilizado com valor de futuro/presente e o segundo, com valor de pretérito, chamados de adjetivos bivalentes; (iii) adjetivos que não aceitam o infinitivo composto por estarem semanticamente restritos a leituras de futuridade, denominados adjetivos prospectivos. Percebemos ainda que essas três classes parecem incluir outras subclasses semânticas: os adjetivos bivalentes incluem epistêmicos e de atitude proposicional, enquanto os prospectivos se subdividem entre adjetivos de volição, planejamento, capacidade, entre outros.

Ressalta-se que apresentamos aqui apenas uma análise preliminar desse fenômeno, majoritariamente baseada na literatura pregressa e em nossa intuição. A proposta aqui levantada deverá ser confirmada por um estudo subsequente que utilize exemplos de *corpora* para conduzir uma análise exaustiva da aceitabilidade do infinitivo composto e relacioná-la com outras propriedades sintático-semânticas dos adjetivos, de maneira a se obter uma classificação mais abrangente e fina.

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- Baptista, J.; Mamede, N.; Gomes, F. 2010. Auxiliary verbs and verbal chains in European Portuguese. In Proceedings of the 9th international conference on Computational Processing of the Portuguese Language (110-119). Porto Alegre, Brazil.
- Casteleiro, J. 1981. Sintaxe transformacional do adjetivo: regência das construções completivas. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Cunha, C.; Cintra, L. 2017. Nova gramática do português contemporâneo. 7ª edição. Rio de Janeiro: Lexicon.

- Cunha, L. F.; Silvano, M. P. 2015. A interpretação temporal dos infinitivos em orações completivas de verbo. In Estudos de semântica (101-112). Porto: Universidade do Porto, Centro de Linguística.
- Duran, M. S.; Pagano, A.; Rassi, A.; Pardo, T. 2021. On auxiliary verb in Universal Dependencies: untangling the issue and proposing a systematized annotation strategy. Proceedings of the Sixth International Conference on Dependency Linguistics (Depling, SyntaxFest 2021) (10-21). Sofia, Bulgaria: Association for Computational Linguistics.
- Harris, Z. 1982. A grammar of English on mathematical principles. New York: John Wiley & Sons.
- _____. 1991. A theory of language and information: a mathematical approach. Oxford: Clarendon Press.
- Hofmann, T. R. 1976. Past tense replacement and the modal system. In Syntax and Semantics (v. 7, 85-100). New York: Academic Press.
- Raposo, E. 1987. Case theory and Infl-to-Comp: The inflected infinitive in European Portuguese. Linguistic Inquiry 18(1): 85-109.
- Silvano, P.; Cunha, L. F. 2020. As propriedades temporais das orações infinitivas completivas e finais com *para* em Português Europeu. Revista da Associação Portuguesa de Linguística 7: 318-327.
- Stowell, T. 2007. Sequence of perfect. Trends in Linguistics: Studies and Monographs (v. 185, 123-146). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Wurmbrand, S. 2014. Tense and aspect in English infinitives. Linguistic Inquiry 45(3): 403-447.